

# De qual crise falamos?

DOI: 10.1590/1809-58442017114

**Ingrid Gomes**

**Suelen de Aguiar Silva**

(Universidade Metodista de São Paulo, Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo – SP, Brasil)

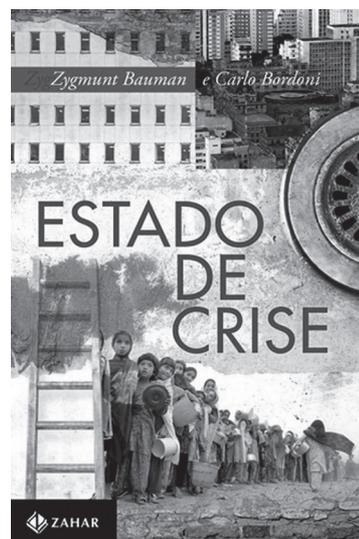
BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 191p.

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês e avaliador crítico da pós-modernidade, dialoga com o sociólogo italiano Carlo Bordini, no livro *Estado de crise*, sobre a conjuntura do sistema social e econômico, marcada pela atual crise do Estado, governos e legitimidade das ações políticas democráticas no âmbito da economia capitalista. Para isso, os autores apontam as características, críticas e possibilidades de futuro entre o casamento e divórcio da economia neoliberal, Estado, política e fluxos.

Bauman e Bordini refletem a respeito dos condicionantes em que a sociedade vivencia, identificando o contexto da crise e, inclusive, evidenciando a construção histórica persuasiva do discurso econômico do que chamamos de crise. Os autores passeiam desde a crise do Estado moderno à crise que está em curso, a da sociedade de massa, da emergência de novos políticos, das efemeridades dos protestos e do papel central da economia capitalista.

O livro é estruturado em três capítulos, escritos com clareza, e com o formato de pontos de vista entre os dois autores. A obra inicia indagando sobre a origem popular da crise, como algo transitório. Bordini esclarece que crise está ligada ao entendimento de “à arte de julgar”, “habilidade em discernir”. Essa recuperação significativa problematiza a crise como permanente, sinônimo de doença degenerativa, que não deixaria de existir.

Contextualizando a questão da crise, os autores recuperam o período econômico europeu e estadunidense, a partir do momento da Depressão de 1929, e a conceituam como a mais significativa recessão econômica que o século 20 passou. Como consequência, apontam que vários países enfrentaram elevadas taxas de desemprego e diminuição da produção industrial. Atualmente, a crise instaurada é legado das histórias recentes e



do próprio processo da globalização, e suas mazelas são observadas na impotência dos governos no gerenciamento administrativo e nos cidadãos insatisfeitos.

No entanto, a noção de crise, utilizada de forma indiscriminada atualmente, está vinculada ao setor econômico, para indicar condição complexa para além da inflação e estagnação. De acordo com Bordoni, suas raízes podem ser encontradas nos anos 2000, a partir das ondas de terrorismo, como o atentado às Torres Gêmeas, em 2001.

Outra questão evidente na obra é que a crise em curso é de origem financeira, já que as empresas privadas não têm interesse em investir capital em países com sérias dificuldades. E o papel do Estado? O mesmo Estado que entregou nas mãos do mercado o poder, hoje foi rebaixado de posição. Se antes era o promotor do bem-estar universal, na atualidade opera como obstáculo. Conforme explora Bauman, o poder do Estado foi capturado por forças supraestatais, do ponto de vista da globalização, e operam num “espaço de fluxos”, terminologia utilizada por Manuel Castells e apropriadamente trazida em “Estado de Crise”.

Para Bordoni (p.15), a posição do Estado e dos governos neste tempo de crises econômicas é de estagnar ao invés de reduzir as fricções. Segundo o sociólogo italiano, no que rege o mercado financeiro, as leis e organicidade do Estado e dos governos não se incluem nesse desenvolvimento extrafronteiras do estatismo. E vai além, pois afirma que os mercados voltados para o lucro levam a catástrofes econômicas e sociais. Avançando, Bordoni sugere o divórcio entre política e poder, pois há uma fragilidade do poder do Estado e dos governos, de forma geral, para empoderar a política no seu fazer cotidiano.

Em decorrência do Estado cada vez mais fraco e sem poder de intervir funcionalmente, cria-se um clima social de “antipolítica”, ou seja, afastando o crédito de poder das ações e atividades no âmbito político. Contudo, nesse mesmo contexto, justifica-se a exaltação de líderes populistas, com manual de salvaguarda do governo e da sociedade.

Nas partes finais do livro, Bordoni (p.27) descreve que depois do otimismo irresponsável do consumismo, o indivíduo é deixado à sua própria iniciativa, dificultando os laços de cidadania necessários para a construção do coletivo, o que ele chama de “vínculos sociais que a massa de algum modo assegurava”, enquanto pertencente a um estado de cidadão global.

Ainda sobre a relação política e Estado, Bauman (p.35) recupera as expressões “crise de agência” para Estado e governos líquidos, reafirmando que atualmente há “crise de soberania territorial”, visto que as soluções necessárias não são tangíveis às “soberanias territoriais”, pois estão além, envolvendo complexidades de ação pós-global economicamente.

Nesse sentido, Bauman (p.37) salienta a tomada das ruas pela população como um caminho de descarregar temporariamente suas indignações em relação à forma como os setores da política têm comandado a área econômica. Com isso aponta o perigo: emergir

a desconfiança popular nas virtudes da democracia e em seu poder de atração. Bordoni complementa Bauman explicando que as esferas políticas locais não dão conta dos problemas estruturados no âmbito global, já que a tragédia do Estado moderno habita em sua incapacidade de implementar na esfera global decisões tomadas localmente.

Outro ponto que merece destaque na obra é a ênfase sobre o papel que a globalização desempenha no cenário das comunicações. Bordoni esclarece (p.43-44) que a informação, o conhecimento e a comparação com e entre outras realidades têm mais importância no desenvolvimento de processos libertários do que propriamente as novas tecnologias (telefonia móvel, internet, redes sociais digitais). Declara que o poder está intimamente atrelado à imaginação, cuja força é potencializada quando alimentada pelo conhecimento e pela comunicação.

Os autores propõem um debate perspicaz e contundente, do qual Bauman – com sua sensibilidade teórica e prática – conduz a discussão. Bordoni, a sua vez, revigora o caminho conceitual e histórico de Bauman. *Estado de crise* problematiza, recupera e promove no debate entre os autores um significativo embate atual e futuro, desmistificando a “crise” e realçando o poder econômico extrafronteiras, sem regulação e leis intervenientes, e posiciona a figura do Estado e dos governos como porta-vozes de políticas frágeis e efêmeras.

### **Ingrid Gomes (autora da resenha)**

Jornalista, especialista em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mestre e doutora pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e pós-doutoranda em Processos Comunicacionais pela Umesp. Integra o Núcleo de Estudos em Comunicação Comunitária e Local – Comuni. E-mail: [ingridgomessp@yahoo.com.br](mailto:ingridgomessp@yahoo.com.br)

### **Suelen de Aguiar Silva (autora da resenha)**

Publicitária, doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, integra o Núcleo de Estudos em Comunicação Comunitária e Local – Comuni. Bolsista CNPq. E-mail: [suaguiar@yahoo.com.br](mailto:suaguiar@yahoo.com.br)

Recebido em: 31.01.2017

Aceito em: 06.02.2017

**LEIA**

Organizadora

**Margarida M. Krohling Kunsch**

Claudia Peixoto de Moura

Eduardo Meditsch

Eugênio Bucci

Eunice Durham

Ivone de Lourdes Oliveira

Jaime Giolo

João Baptista Winck

Joaquim Valverde

José Luis Schiavoni

José Marques de Melo

Margarida M. Krohling Kunsch

Neusa Demartini Gomes

# ENSINO de COMUNICAÇÃO

Qualidade na Formação Acadêmico-Profissional



Apoio:



**PEDIDOS**

**LIVRARIA VIRTUAL DA INTERCOM**

T 11 2574-8477 | [secretaria@intercom.org.br](mailto:secretaria@intercom.org.br)

[www.portalintercom.org.br](http://www.portalintercom.org.br)